

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *Surrexit!*, por P.; *Gottas de balsamo*.—Secção Scientifica: *Jurisprudencia canonica*.—Secção Critica: *Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal*, pelo Padre J. A. R.; *Vida nova*, Idem.—Secção Illustrada, por R.—Secção Litteraria: *Ao serão*, por F.; *Sauldades*, por José R. dos Santos Gomes.—Secção de Communicados: *O Collegio de Nossa Senhora de Monserrate em Vianna do Castello*.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Visita de Christo a sua Mãe*; *Architectura Christi*.

SECÇÃO RELIGIOSA

SURREXIT!

FINDOU a tragedia sublime do Calvario!

Os homens commetteram o crime mais hediondo, mergulharam as mãos no sangue immaculado do Homem-Deus, excederam o anjo precito na sceleridade inaudita, velaram o mundo n'um véo de angustias e dores, mas esse véo, para muitos corpo solemne de delicto, para outros é égide tutelar, a cuja sombra realisarão o tracto difficil desde os ermos sombrios da culpa até aos valles deleitosos do eden promettido.

O Salvador do mundo expirou sobre o lenho bemdicto, e foi seu corpo depositado no sepulchro. Ao ser involto no lençol mortuario, aquelle corpo sacrosanto, flagellado, coroado de espinhos, que transportou a Cruz ao alto da montanha, e alli foi cravado e trespassado com a lança, era todo uma chaga lastimosa desde os pés até á cabeça!

Soou porém a hora da resurreição, e a vida substituiu a inanição da morte, a gloria alentou o cadaver venerando, e o corpo do Unigenito do Eterno atravessou a lousa sepulchral com os dotes da subtilidade, da impassibilidade, da agilidade, da claridade.

Subtil, não se vê detido em seus movimentos pelos seres materiaes, não carece lhe desviem a pedra que o velou quarenta horas, entra no conaculo estando as portas fechadas.

Impassivel, não mais se vê captivo da morte, nem a dôr voltará a angustiar-lhes os membros delicados: o periodo de soffrer terminou para sempre, hoje reina apenas o gozo eterno, premio de sua lucta e de seu triumpho.

Agil, desaparecem em sua presença

as distancias, vóa d'um extremo a outro com a instantaneidade do seu querer, vai de Emmaüs a Jerusalem com mais rapidez do que o dizemos.

Radiante de claridade, a nada pode comparar-se o seu magestoso esplendor. Os corpos dos bemaventurados, na phrase de S. Lourenço Justiniano e Sancto Thomaz, excedem sete vezes a refulgencia do sol, quem terá força de imaginar o grau de fulgor immanente ao corpo divino de Christo resussitado?

Assim o veremos pois no juizo final, assim, antes que ninguem, o viu a Sancta Virgem no domingo da Resurreição.

O' Virgem! d'entre as creaturas humanas houvestes o privilegio de ser a primeira a saudar, quando humanado, sua angustissima presença! O vosso

Fiat, na annunciação, foi o solemne compromisso de tomardes sobre vós a empresa sublime de co-redemptora nossa, dando ao Verbo guardida em vosso seio, vendo-o nas penurias da gruta de Belem e nos tormentos da Epiphania, escutando com ouvidos maternas as palavras crueis de Semeão, acceitando resignada as provações do desterro no Egypto, chorando a perda no regresso de Jerusalem, acompanhando o corajosa ás imminencias do calvario e recolhendo alli o derradeiro alento d'aquelles labios moribundos.

Fostes a Rainha das dôres ao lado do Rei de todos os martyres, sêde a primeira a contemplal o na celsitude da gloria que hoje assumiu.

Não nos diz a Escripura que fosse para sua Mãe a primeira visita do Salvador. Não era preciso dizel-o: dizem-nol-o assás a tradição, a razão e o coração. A soledade de Maria cessou no instante mesmo da resurreição. Jesus

apressou-se a consolar sua Mãe, dizendo-lhe: «O' minha Mãe, ó toda bella, levanta-te! Eu sou a resurreição e a vida. Vem pressurosa a meus braços, ó Pura entre todas as creaturas! Só tu correspondeste com fidelidade aos designios de meu Pae, repousa portanto

em meu coração, abarto sempre ao teu amor. Para redimir os homens seguis-me de perto na via do soffrimento, vem pois, sê tambem a maior participe no gozo da minha gloria. Vem! Passaram os dias das lagrimas, comece para ti a aurora interminavel da paz. Venceste valorosamente na provação, triumphas com jubilo sempiterno nas alegrias celestias. Engrandeceu tua alma ao Senhor; pois desde hoje te acclamarão bemaventurada as gerações. Como preciosa myrrha exalaste fragrança suavissima; ornada de gloria e formosura, caminha felizmente e inaugura de vez o teu reino. Deus assiste no meio de ti, não serás jamais perturbada!»

E a Virgem, abysmada n'uma alegria até então ignorada, correspondera ás palavras ternissimas do seu Jesus: «O meu amado é todo meu e eu toda lhe pertenco. Assentei-me á sombra d'Aquelle que tanto amo, seus fructos dão sabor inexplicavel, tem confortativos que alentam. Encontrei Aquelle a quem adora a minha alma, não mais o deixarei perder. Vem, amado meu! faze-me ouvir a tua voz, tu que habitas nos jardins. O' escolhido como os cedros, distincto entre milhares, sinto-me por ti perdida, inferna de amor!»

Ah!... Que lingua haverá porém capaz de traduzir os enlevos d'estes divinos corações n'aquelle momento de suprema ventura?

Christo, pela primeira vez, se patenteava a Maria glorificado!

Theresa de Jesus, a seraphina do Carmelo, diz-nos que um dia lhe mostrou Nosso Senhor uma de suas mãos, e a só visão d'esta parte do divino corpo a deixou n'um transporte indisciplivel. Dias depois consentiu lhe contemplasse o rosto sagrado, e as forças da bemaventurada quasi não puderam supportar tam singular ventura. Ah! este corpo é tam formoso, o fulgor sobrenatural que irradia tam violento, que a alma fica fora de si, sobremodo perturbada, em extremo commovida. A

certeza porém da visão e os efeitos ditos que produz, afugentam o temor e dão lugar à mais perfeita confiança. São tam ineffaveis a belleza e a magestade, continúa a Sancta, que será inexplicavel a consolação que nos aguarda no céo, embora mais não haja alli a admirar que a humanidade surprehendente de Jesus Christo.

O encontro, pois, da rua da Amargura esqueceu-o a Virgem com o encontro da resurreição! O parabem d'aquelles amantissimos corações foi o mais perfeito epinio que hão escutado os seculos!

Ventura fôra para nós fosse n'elle contido o livramento de nossa escravidão, a conquista definitiva de nossas almas para o reino temporal e eterno de Jesus Christo, o Rei immortal dos reis, o Senhor supremo de todos os dominadores.

Março—29.

P.



Gottas de balsamo

CHRISto amou a pobreza, amai-a vós tambem. E' um thesouro occulto cujo valor só chegareis a conhecer quando estiverdes no céo. Praticai esta virtude evangelica segundo o estado em que vos collocou a Providencia. Para isso, haveis de desprender-vos dos bens da terra, moderar e regular o desejo de os acumular, possuil-os como quem os não possui, usal-os como quem os não usa. (1) Diminui de vossos vestidos, de vossa meza, de vossa mobilia, tudo o que damnifica a modestia christã: os excessos d'esta natureza oppõem-se às promessas do baptismo em que renunciastes às pompas do seculo. Se a Providencia vos fez nascer em condição pobre, submettei-vos sem murmurações nem queixumes aos incommodos e privações do vosso estado, e prezai-o como sendo aquelle em que mais facilmente podereis salvar a alma. Evitai a preguiça, a devassidão, a prodigalidade e uma má vontade invejosa dos que são mais ricos do que vós: estes quatro defeitos, tam communs nos pobres, tornam-os indignos da misericordia de Deus e da compaixão dos homens; annullam-lhes todos os meritos de seus soffrimentos.

Se emfim sois ricos, não vos deixeis dominar d'um louco orgulho: sêde antes humildes, pensando que o vosso estado é contrario ao de Jesus Christo, cujo

viver e morrer foi no regaço da pobreza. Lembrai-vos que vos não pertencem as vossas riquezas: são depositos que Deus collocou em vossas mãos, dos quaes vos tomará um dia severas contas. E ai de vós então, se é mão o uso que d'elles tendes feito, sendo insensiveis à miseria dos pobres!... Oh! quanto é doloroso pensar-se que no meio de nós ha um grande numero de christãos ricos, riquissimos talvez, sem saberem que fazer de seus thesouros, dispendendo-os em banquetes sumptuosos, recepções brilhantes, festas ruinosas, futilidades sem conto, não se lembrando da pobre viuva caida extenuada à sua porta, sem acudirem à nudez do orphão entre os rigores do inverno, sem darem a seus semelhantes os cuidados que prodigalizam a seus cões! Quanto é doloroso pensar-se que a esses mesmos ricos sobeja o ouro para a satisfação de seus caprichos, e falta uma moeda de cobre para uma obra de beneficencia! Tanta vez, o artista, o humilde operario, abre mão de seu alimento para valer a um mais pobre, e o rico avarento mal cede uma parcella do que lhe é superfluo em proveito dos desgraçados! O' ricos que estas verdades estais lendo, não queirais ser d'esse numero! Fazei bom uso do vosso ouro, remi com elle os vossos peccados, comprei no céo uma bemaventurança eterna.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Jurisprudencia canonica

CONSULTA (1)

Snr. Redactor.

Como na nossa *Revista Catholica*, que V. tão digna e competentemente redige, ha uma secção ou logar para consultas, agora que appareceu o decreto de 30 de dezembro de 1890 sobre a aposentação dos parochos, lembrei-me de chamar a attenção de V. para que se dignasse emittir parecer sobre a conveniencia de requerer a aposentação. A' primeira vista parece que salta aos olhos a resposta affirmativa; mas como a classe parochial tem sido tão desconsiderada pelos poderes publicos, offerece-se immediatamente suspeita de que este decreto seja mais um anzol-ou laço para apanhar as quotas com que haja de contribuir a classe parochial para a caixa, do que favor que se lhe dispense; tão pouco estamos acostumados a receber favores, que nos faz receio requerer, tomando o anzol

com a isca. Os bens dos passaes, conventos e confrarias, tudo desapareceu, e favor até hoje nenhum. Prometteu-se a dotação do clero, ainda até hoje não appareceu; apparece a aposentação, mas contribuindo primeiro com a santa esportula da quota para a caixa.

Se V. achar razoavel e conveniente dar seu auctorizado parecer de resposta ao que deixo exposto, parece-me que será um alto favor à classe, e pelo que se confessará grato o que tem a honra de ser assignante da *Revista*.

Aldeia do Carvalho, 13 de fevereiro de 1891.

Prior Joaquim Lapas.

RESPOSTA

Confessamos francamente o nosso embaraço para respondermos ao nosso presado consulente.

A dizer-lhe a verdade, como a sentimos, a lei da aposentação dos parochos, que parece à primeira vista uma medida de grande vantagem para a classe parochial, a bem poucos favorecerá, pois bem poucos chegarão à avançada idade que a lei exige para colhe-rem os tão apregoados beneficios. Ainda que não temos bem computado o termo medio da idade dos fallecimentos, podemos bem suppôr que será pouco mais ou menos a de cincoenta annos. Se este calculo é aproximado, quem lucrou, geralmente fallando, não foram os parochos; antes, os que tem de pagar a respectiva quota para a caixa das aposentações, ficarão em peiores condições economicas. Quem lucrou talvez com esta medida, foi o governo, pois cremos bem que as quotas que irá recebendo, não só chegarão para pagar aos pouquissimos que vierem a ser aposentados; mas sobejará, como nos parece. E assim o governo em vez de beneficiar a classe parochial em geral, beneficiou-se a si proprio.

E nem outra coisa era de esperar de governos, que, como o nosso reverendo consulente diz na sua consulta, *tem dado tantas e tantas provas de seu amor à Igreja e à classe parochial*, tendo-lhe roubado os seus bens, perdão! não que-riamos dizer tanto, mas emfim,—*quod scripsi scripsi*; mas note bem o nosso consulente que não tem feito isto por mal que queiram ao clero nem à Igreja, mas é sómente para que ella viva *more Apostolorum*.

E se vier a republica? E se sobrevier uma revolução qualquer que deite a terra o estado de coisas actualmente existente? O que lucrarão os pobres parochos que tiverem pagado regularmente as suas quotas ao governo? O que lucrarão?! Ficarão a chuchar no dêdo, rogando mil maldicções à tal lei-

(1) Qui emunt tanquam non possidentes, et qui utuntur hoc mundo tanquam non utantur; praeterit enim figura hujus mundi. (I. CORINTH., VII, 31).

(1) Da *Revista Catholica*, do Vizeu.

da aposentação. Foi o que succedeu ainda ha poucos annos em Hespanha aos parochos e beneficiados que eram pagos pelo thesouro publico, quando alli appareceu a republica. E se ella triumphar em Portugal, como a muitos parece bem provavel, attendendo ao deploravel estado dos espiritos, pervertidos por um ensino official, geralmente impio e materialista, acontecerá o mesmo.

As suas primeiras victimas serão os padres.

Para os mações haverá mãos largas, para os padres a miseria e a fome, em quanto não chegar o ensejo opportuno de lhes ceifarem as cabeças com guilhotina, como fizeram os philosophos humanitarios do seculo passado em França.

E quanto tempo tardará ainda vir uma terrivel revolução, que deite a baixo o que ahi está ainda de pé? Quem o sabe?

Só Deus. Porem o que todos veem é que todas as nações estão sobre um vulcão, minadas pela franc-maçonaria, e quando menos se pensar, haverá uma explosão espantosa, e ninguem sabe o que virá depois. A republica já fez entre nós o seu primeiro ensaio; e por certo que não desistirá de novas tentativas, até que consiga o seu desideratum, e talvez lhe não seja muito difficil.

Porem admitindo mesmo, que não sobrevenha uma revolução qualquer, o estado das finanças, como todos veem, é o mais precario, e proseguindo os poderes publicos nos seus esbanjamentos como até agora, a banca-rola virá necessariamente, e o clero será certamente o primeiro a soffrer as consequencias d'este desastre.

Em vista do exposto, que decidam os interessados o que mais lhes parecer conveniente.

SECÇÃO CRITICA

Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal

(Continuação do n.º antecedente)

III

Soberba do Liberalismo.—Pobre Razão!—O desvario d'ella aonde condus.—Todos anhelam o summo bem.—Onde está o summo bem.—Obediencia e liberdade.—Laços que nos prendem a Deus.—Como se destroem.

Em demasia nefasto, não obstante, e mesmo em consequencia das suas formulas prestigiosas e requinte de seus disfarces, o liberalismo é real e verdadeiramente, segundo Donoso Cortez, a renovação, na ordem politica e social, da guerra dos Titans; ou, consoante o P. At, a pyramide

monstruosa com que a soberba do homem pretende escalar o solio inacessivel da divindade, para n'elle enthronisar, oh loucura! a razão humana, que d'est'arte fica sendo a seus olhos o unico deus d'este mundo sublime. E' a apotheose da *deusa-razão*, já adorada nos fins do seculo passado, e que S. João nos representa na pessoa d'uma *cortezã* insigne, repleta de blasphemias, mas vestida de purpura, esplendorosa de ouro e perolas preciosas. Na dextra empunha um vaso de ouro cheio de abominações; na sua frente está escripto o nome: *MYSTERIO*; e ella diz em seu coração ensoberbecido: «Estou assentada no throno como rainha—*sedeo Regina.*» Acclamam-na e adoram-na com effeito, fascinados pelos seus perfidos attractivos, povos e reis, que, insensatos, porliam em beber o vinho da sua prostituição: licor pernicioso, que, inoculando-lhe nas veias infernal veneno, os entrega, ebrios corybantes, a todos os desvarios e a um furor cego, a um terrivel *delirium tremens.*

Mas como pode o homem, fraco, vil e miseravel como é, enfatuar-se a ponto de conceber na mente pervertida a diabolica ousadia de querer usurpar o throno do Excelso e os incomunicaveis attributos da divindade? Será possivel tam estupendo delirio?

Tantane animis mortalibus ira! Possivel? E' factio patente, tangivel, que se revela hoje de mil maneiras e, sob innumeradas formas, constitue até a essencia do chamado *espirito moderno* ou liberalismo.

Julgamos a proposito historiar-mos primeiro que tudo o *como* se tem effectuado nos espiritos uma evolução, ou antes aberração espantosa, e quaes os desinvolvimentos progressivos d'essa maldade inaudita: obra diabolica, em cuja elaboração moirejam ha seculos legiões e legiões de impios, capitaneados pelos corypheus do livre-pensamento, o estado maior de Satanaz. O movel supremo de todas as nossas accões reside, como se sabe, no desejo da felicidade: assim o quiz um Deus infinitamente bom. N'este ponto não ha divergencia d'opiniões.

Ora a felicidade irresistivelmente appetecida pelos homens só se realisa plenamente com a posse do *summo bem.*

Mas qual será esse summo bem e onde é que o havemos de encontrar? Aqui principiam as opiniões a discrepar umas das outras.

Varrão, citado por Santo Agostinho na sua obra *Cidade de Deus*, assevera que n'este importantissimo assumpto discordaram extraordinariamente os antigos philosophos, podendo apontar-se *duzentas e oitenta e oito* soluções diferentes, privativas de outras tantas sei-

tas philosophicas. Não passam porém de meras subtilidades e caprichos ridiculos, de imaginações desvairadas, estas taes argucias que, segundo observava judiciosamente Emile Saisset, não se baseando em fundamento algum solido, são puras phantasmagorias.

A verdade é, que não ha nem pode haver, em ultima analyse, mais que duas alternativas para o homem livre na escolha do summo bem: ou ha de procural-o necessariamente na posse de Deus—*mihi adherere Domino bonum est*, ou no gozo absoluto e independente de si mesmo. Assim o entendeu e magnificamente o descrevera o mesmo Santo Agostinho na obra immortal—*De Civitate Dei*—Dous amores deram origem a duas cidades: o *amor proprio*, levado até ao desprezo de Deus, fundou a cidade terrestre; o *amor de Deus*, sublimado até ao desprezo de si, a cidade celeste.

Eis os dous pólos do mundo moral, para os quaes gravita forçosamente desde que ha homens na terra, desde que ha sociedades. A feição peculiar dos nossos dias, consiste no afan extraordinario com que os impios forcejam por levar o seu ideal a uma plena e perfeita realisação.

O lemma ou criterio dos membros da cidade celeste é: obediencia, abnegação de si mesmo, amor, virtude, comprehendidas todas na palavra *charidade*; os seus contrarios tem por divisa e norma: independencia, egoismo, odio, etc., etc., vicios que se acham condensados no vocabulo: *liberdade.*

Se repararmos attentamente na orientação actual dos espiritos, facil nos será descobrir com effeito que a causa de todos os desvarios da razão procede d'uma falsa persuasão, d'uma como seductora miragem, que ostenta ás almas descrentes e sequiosas de prazer a felicidade suprema na posse completa d'aquelle bem que podemos alcançar e gosar actualmente pelo nosso proprio esforço, isto é, que o summo bem reside na independencia absoluta. D'est'arte torna-se evidente, que o mal consiste para o homem nos laços que o enleiam e lhe coartam a livre expansão das suas faculdades intellectuaes, moraes e physicas.

Despedace esses grilhões tyrannicos, arrojé para longe as péas que o estorvam, declare-se livre de todo o constrangimento e oppressão, e o homem emancipado será perfeitamente feliz. E' esta de facto a funestissima fascinação de que procedem todas as heresias, todos os systemas subversivos e todos os perigos da actualidade.

Na sua illusão fatal o racionalista moderno julga encontrar a felicidade summa na liberdade omnimoda e absoluta.

Innumeraveis são porém os laços que prendem e sobre modo restringem a auctoridade humana e de continuo se oppoem, como tyrannos implacaveis, à fruição do bem summo—a liberdade; releva pois removel-os, aniquilal-os; é obrigação imprescindivel, é dever sagrado para o racionalista. Eia, mãos à obra! *Dirumpamus vincula!* Liberte mo'-nos d'essas prisões, quebreiros esses vinculos funestos, os quaes na realidade se reduzem a duas especies principaes, a saber: os que constituem o homem na dependencia do Creador e os que o relacionam com a sociedade.

Destruidos que sejam, o homem poder-se-ha proclamar livre e perfeita mente emancipado, isto é, rei sacerdote e deus!

Ora os vinculos que nos unem a Deus são por sem duvida estreitos, fortissimos e muito mais importantes e resistentes, que os outros a que servem de nexo e sustentaculo: cumpre portanto despedaçal-os primeiro. Mas quaes são esses laços? Formam, se bem observarmos, tres categorias distinctas. Christãos, (pois é a christãos que nos dirigimos) estamos constituídos na dependencia de Deus; 1.º pela fé, graça, mandamentos, sacramentos, etc. que nos fazem membros do corpo mystico do Filho de Deus humanado e da sua S. Igreja; 2.º pelos principios constitutivos da razão: ideas eternas, immutaveis, axiomas evidentissimos, reflexo do Ser supremo na alma humana, escada mysteriosa, por onde o espirito ascende naturalmente ao conhecimento e adoração da divindade, evangelho da natureza commum a todos os povos, base da sciencia, da moral e da sociedade; 3.º pelo sentimento innato da incommensuravel superioridade e grandeza de Deus, ante cuja magestade o misero mortal, quasi aniquilado, confessa seu nada e reconhece, penetrado de terror religioso, a obrigação rigorosissima que lhe incumbe de obedecer ao Soberano Senhor do universo.

Taes são as diversas ordens de laços que ligam o christão ao seu Deus. Resta saber por que processo e com que armas poderosas se ha de levar a cabo a destruição d'elles.

E' simples o processo e insignificante na apparencia a arma empregada: um pequeno monosyllabo: *Não!* e tanto basta. «O nosso principio cifra-se na negação de todo e qualquer dogma. *O nada*, eis a base em que nos estribamos; NEGAR, NEGAR SEMPRE é o nosso methodo, que nos levou a estatuir como principios: em religião o *atheismo*, em politica, a *anarchia*, em economia politica a *não-propriedade*. Assim fala o oraculo do racionalismo nos tempos hodiernos, o celebre Proudhon, citado

por D. Benoit. (1) E' programma velho, sendo apenas a millesima edição do: *Non serviam*, ou do *Nolimes hunc regnare super nos*. Mas os modernos titans, imperterritos, adoptam-no completo e em rigor. Adoptam-no, que não são homens para meias medidas. Avante pois, soberbos paladinos, emulos do archanjo rebelde; amontoai Peliões sobre Ossas; depara-se-vos favoravel enesejo; estais artilhados como nunca, e reina o desalento no campo contrario, estão desmantelados os alcaçares celestes, escaceiam as munições nos arsenaes divinos, os batalhões angelicos desmoralizados, S. Miguel em apuros, e Deus, Deus, como á ultima hora nos relata a llavas, pensa que o melhor recurso é... abdicar.

(Continua)

P.º J. A. R.

Vida nova

Um discurso eloquente e caloroso pronunciado perante os deputados da nação em occasião solemne o snr. ministro do reino dizia: é imperiosamente exigida pela gravidade das circumstancias uma *vida nova* nos governos e nos governados como forma mais intensa do progresso—*Vida nova!*, todos a pedem voz em grita e sem demora, senão como elemento de progresso, pelo menos como remedio urgente aos males que nos alligem, por isso que a todos se evidencia «que o passado collaborou *sinistramente* na situação em que nos encontramos» (*Primeiro de Janeiro*, n.º 23).

Vida nova! Mas, um reparo: não serão estas palavras a condemnação solemne das *instituições* que *felizmente* nos teem regido até aqui? Que é feito das mirificas promessas d'um novo reinado d'Astrea tantas e tantas vezes repetidas pelo liberalismo? ah! «*chimeras azues e brancas d'ingenuos doutrina-rios, voaram já para o mundo dos sonhos, levando consigo as esperanças murchas, folhas cahidas d'uma arvore... contaminada*». (Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*).

E' chegado allim o momento do desengano: no fundo do sacco das formulas liberaes só se encontra, com espanto dos *ingenuos* illudidos, um residuo novento, proveniente do esphacello do corpo social.

Logro monumental!

Qual ha de ser porém o principio, a orientação, o espirito vivificador da vida nova, imperiosamente exigida pela

gravidade das circumstancias? Será ainda uma variedade do liberalismo? impossivel; a *broca da analyse* e meio seculo de experiencias funestissimas demonstram reduzir-se o liberalismo «à anarchia na economia e na politica» isto é, que não pôde haver systema de governo mais radicalmente falso, incoherente e corruptor; a nação que fôr dominada definitivamente por este monstro ha de perecer *sem remedio estrangulada* por um Cesar, assassinada por meia duzia de agiotas ou então gangrenada como uma Mauritania.

Não são portanto as truanices liberaes que n'esta crise podem inocular no corpo anemico da nação os elementos d'uma *vida nova*. Onde é pois que havemos de encontrar a solução da dificuldade? responde o snr. Antonio Candido: não é em Bentham que actualmente se hão de procurar os principios governativos mas sim na *sociologia*. Oh! findou o reinado do liberalismo, inaugura-se o do positivismo. Estarão porém as chamadas *sciencias sociaes* no caso de acudir já já ás urgentissimas necessidades que nos acabrunham? Supposto se baseassem estas em principios verdadeiros, o que negamos terminantemente, e fosse realmente a expressão da verdade positiva; todavia, forçoso é confessal-o, não passam por ora de rudimentos confusos, incompletos, embrionarios, sendo apenas uns tentamens furtivos de exploração no *mare magnum* dos factos sociaes.

Ouçamos o mais authorisado dos nossos sociologos: «Do corpo das sciencias naturaes sae esta definição: a sociedade é um organismo vivo. *O Estado* é como um *cerebro*. Ora desde que se nega o direito divino todos põem no povo a origem da authoridade: resta descobrir as formulas adequadas ao exercicio d'esta auctoridade. Na democracia é a vontade dos cidadãos. Mas de que modo se exprime essa vontade? *Viritem*, individualmente, pela somma dos votos? assim se tem dito: e d'ahi têm vindo as revoluções e a anarchia liberal. Não é esta a formula positiva do governo.

Onde havemos de encontral-a? Como se exprime? Qual a sua applicação pratica? A sociologia não responde por ora a estas perguntas capitaes; emmudece formulando apenas um voto: oxalá que a broca da analyse penetre rapido e resolva a duvida, pois, emquanto a nação prescindir d'um cerebro—o *estado manter-se-ha acephalo!!!* (Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*, 2.º vol. pag. 411-412). Aquelle que em verdade pode dizer de si: eu sou o caminho, a verdade, e a *vida*; vim ao mundo para que todos tenham *vida e vida exuberante*, etc... Ainda ha pouco o snr. Antonio Candido confessava e

(1) La Cité Antichrétienne—1 vol. pag. 107.

prégava estas verdades salvadoras mas ai! hoje descrente, em vão pede a uma philosophia absurda os elementos improficuos d'uma restauração impossivel. Na sua bocca apostata essas promessas de *vida nova* não passam de palavrorio retumbante, mas ouco e sem valor algum; é a phraseologia vã e gasta de todos os governos quando ascendem ao poder. O certo é que o snr. Antonio Candido assim como todos os seus collegas que para não serem acoimados de retrogados repellem os elementos poderosissimos de *vida nova* que a Igreja nos fornece—os unicos verdadeiros e efficazes, não sabem de que meios lançar mão n'este transe supremo; vêm-se reduzidos á mais deploravel situação, e sem remedio algum absolutamente. Perplexos como os tripulantes d'um navio desgarrado em mar desconhecido, vagueiam á rebelia, longe do rumo, sem bussola nem leme. Lamentam e reclamam: energia, moralidade, economia dos viveres que escaceiam, mas sem resultado, vão-se cada vez mais afastando do porto desejado e d'um momento para outro algum rochedo occulto pôde occasionar uma catastrophe suprema, irremediavel. Ah! se reconsiderassem e olhando para a Igreja de Deus, *estrella* de salvação n'este mar tenebroso, guiassem novamente o rumo pela sua luz eminentemente benefica, então ser-nos-hia possivel escapar aos perigos da hora presente, então *Portugal* como o *Equador* poderia debellar a anarchia que o dilacera, restaurar as suas finanças exhaustas e acudir á crise economica, social e colonial, porque na Igreja de Deus ha remedios para todos os males, mas fóra d'ella não se encontra salvação nem para os individuos nem para as nações. Deus não permite que façam a tristissima experiencia d'esta segunda alternativa. verdade infallivel e de que temos provas já demasiadas!

P.º J. A. R.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Primeira Visita de Christo a sua Mãe

Ver o primeiro artigo d'este n.º

Architectura christã

(Vid. p. 54 e 79)

Varias evoluções trouxeram a sciencia architectonica ao apogeu de perfeição que nos é dado contemplar nos monumentos erectos pelo povo christão, em honra de Deus, na segunda metade da idade média. Nenhuma ou-

tra classe de edificios ostenta mais nobreza de idéa, mais invencivel solidez, maior harmonia de proporções, symetria mais correctamente respeitada. A elevação das columnas, a firmeza das abobadas, a elegancia das ogivas, consubstanciam o arrojo aonde pode subir a concepção humana. Magestade além da do templo gothico, as cimas triseculares dos bosques septentrionaes, a cupula azulada do firmamento.

O Parthenon atheniense, o Capitolio, o forum de Trajano, os Theatros de Pompeu e Marcello, com suas columnas de marmore, seus baixo-relevos preciosos, sem capiteis dourados, desaparecem confrontados com as naves extensas, as columnas gigantes, as abobadas arrojadas, as flechas aereas dos templos christãos, as quaes, atravessando as nuvens, desprendem a alma dos liames terrenos e sobem-na á morada excelsa da Divindade.

«Como em presença das Pyramides e das montanhas que tocam as nuvens. diz Lachaud, é preciso que o homem, ao pé das nossas cathedraes, experimente o sentimento do seu nada e o sentimento do infinito; importa que as linhas da nossa architectura fujam dos fundamentos da terra para sublimarem-se ás eminencias dos céos; que as arcadas de nossas abobadas se ajuntem como dois braços estendidos em oração; que as columnas diminuam em peso para, como o pensamento, serem esbeltas e elevadas; que a espessura das muralhas se retire para darem vez aos muros transparentes, translucidos, espiritualizados, ou ás vidraças multicolores, semelhantes a paredes de crystal.»

Na phrase de Montalembert, o imenso movimento das almas, devido a S. Domingos, S. Francisco e S. Luiz, não podia obter mais rigorosa expressão, que a das cathedraes gigantes, destinadas a levar aos céos, na cúspide de suas torres, a universal homenagem do amor e da fé victoriosa dos povos christãos. As grandes basilicas dos seculos precedentes pareciam-lhes pesadas, despidas, vãs de mais, para as novas emoções da sua piedade, para o entusiasmo rejuvenecido da sua fé. A viva chamma da crença da idade média importava transformal-a em pedra, para assim indelevelmente patentear seu vigor aos seculos por vir. Urgia aos pontifices e architectos alguma combinação nova, adaptavel a todas as novas riquezas do espirito catholico, e essa combinação deparou se-lhes ao se-guirem essas columnas que, em frente umas das outras, se alteiam em nossas basilicas, como orações que se unem em Deus, como irmãs que se inclinam e abraçam: essa combinação deu nascimento á ogiva, e por sua aparição,

tudo se modificou, não no sentido intimo e mysterioso dos edificios, mas em sua forma exterior. Em vez de estenderem-se sobre a terra, como vastos tectos destinados a abrigarem os fleis, resaltam, arremessam-se magestosamente para o Altissimo. Desapparece a linha horisontal para dar logar a tudo que seja elevação e tendencia para o céo. Desde este momento, o pensamento, abandonando as egrejas subterraneas, conscio de não haver motivo de temores, expande-se com desassombro e em toda a luz.

Os primeiros christãos, pela necessidade dos tempos, tiveram as suas egrejas subterraneas, cujas ruinas se observam ainda em muitas cidades da Italia e das Gallias, sendo merecedoras de menção as catacumbas de Roma, Pariz, S. Mauro, Faye-la-Vineuse, Chartres, Brouges e S. Diniz.

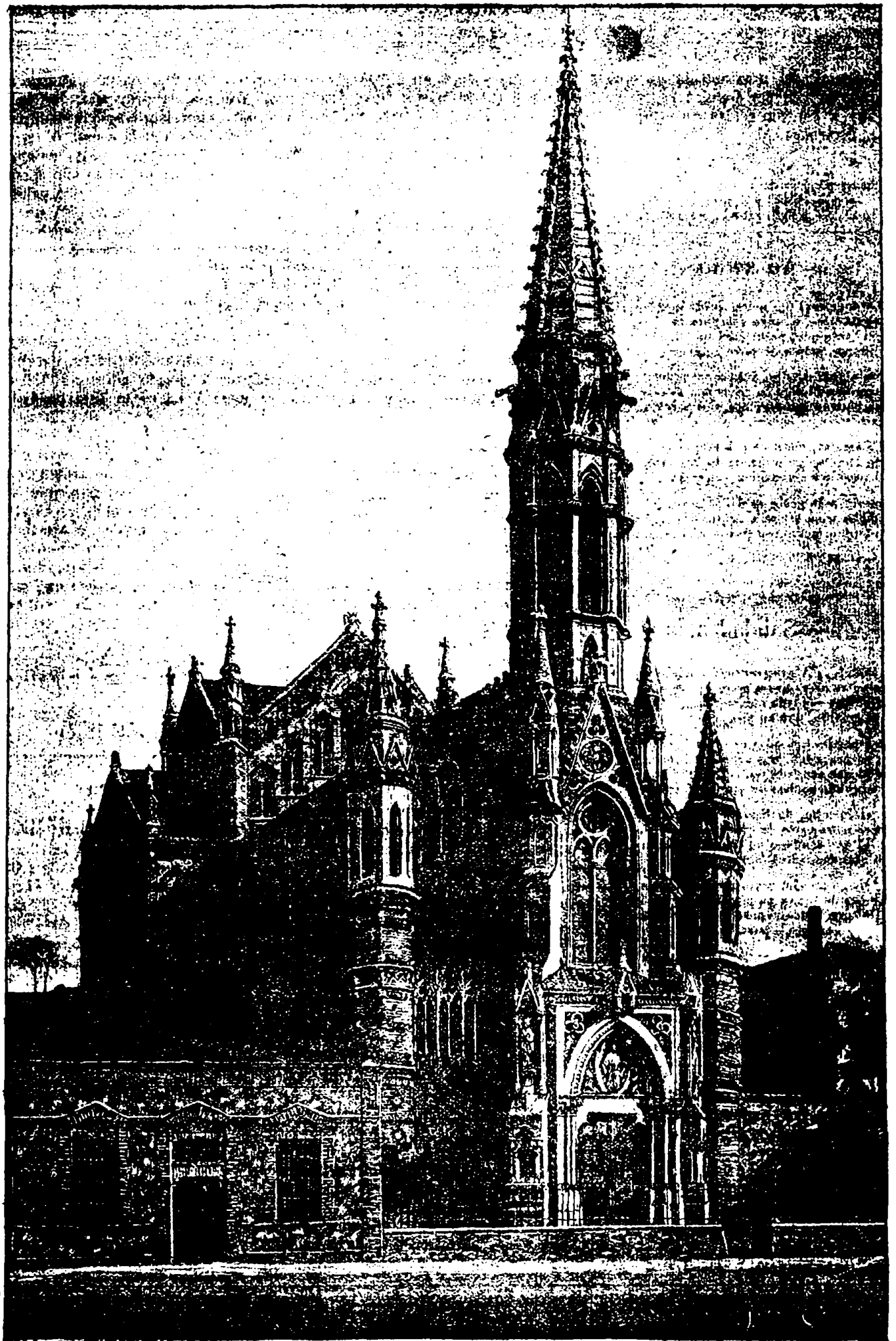
Com a liberdade do christianismo, surgiram as grandes basilicas, de estylo pesado e desgracioso, como o da basilica Ulpiana, descoberta em 1811 por escavações ordenadas em Roma por Napoleão I. A passagem da córte imperial para o Bosphoro levou ao Oriente o desinvolvimento das edificações christãs, modificadas segundo o estylo bysantino, avultando o templo de Sancta Sophia, entre os muitos construidos por todo o Oriente, sobretudo em Constantinopla, Antiochia e Jerusalem. Na idade média foi vigente o estylo romano-bysantino desde 400 a 1100, o ogival ou gothico desde essa epocha a 1550, vindo infelizmente a succeder-lhe o estylo da renascença, cuja adopção principia em meado do seculo XVI.

Os melhores monumentos gothicos são por certo a sumptuosa cathedral de Colonia, edificada em 1246, a de Chartres em 1260, a fachada de Notre Dame em 1223, a igreja de Sancta Gúdula de Bruxellas em 1226, a cathedral de York em 1227, a de Amiens em 1228, a de Reims em 1232, a abbadia de Westminster em 1247, as cathedraes de Burgos e Toledo em 1228, a de Beauvais em 1250, e por fim o nosso formosissimo templo da Batalha, construido por D. João I, uma maravilha architectonica, tam venerada e bem-quista de estrangeiros e tam mal conhecida por nacionaes. E no emtanto, aquelle sanctuario famoso tem insculpido em cada pedra um documento do amor sagrado da patria e da fé invencivel de nossos maiores. Em vespas talvez de grandes cataclysmos futuros, alli temos ainda a chamar-nos, a querer-nos, a dar-nos protecção effcaz a Sancta Maria da Victoria, a cuja sombra, nas horas de perigo, sentiu outr'ora o povo portuguez renascer a coragem que o abandonava.

O mosteiro da Batalha, mais accessi-



VISITA DE CHRISTO A SUA MÃE



ARCHITECTURA CHRISTĀ

vel agora pela proximidade da linha ferrea, merece ser feito, e esperamos venha a ser um centro de peregrinações nacionaes.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

Ao serão

De temporal é a noite. Irado o vento
açoitá além o dorao dos pinhaes,
em tanto que, assustado, una flebeis ais
diffunde pelo val' moxo agoirento.

De algum mastim fiel crebro lamento
acorda ao longe os ecos nos ossaes;
as chuvas, em torrente, dos beiraes,
percutem no empedrado pavimento.

Cá dentro, em doce calma que se goza
ao fogo amigo e alegre do brazeiro,
o rosario em cadencia vagarosa

minha mãe entre os dedos passa inteiro,
minha irmã tange a agulha industriosa,
e eu leio um auroo livro—o MENSAGIRIO.

Março—11.

F.

Saudades

E' noite!... A aragem perfumada e tépida
Por entre as ramas a guener passou...
—Oh! que saudade me acordou no intimo
Este gemido, que ao passar soltou!

Do espaço a luz solta os raios languidos
Na escura selva, nos vergeis em flor...
—Oh! que saudade no brilhar tão limpido,
Lembrando sonhos de eternal fulgor!

O arroio solta, deslizando placido,
Doces murmurios de queixumes mil...
—Oh! que saudade no carpir ternissimo,
Em brandas noites do fugaz abril!

Em mago aneio, reverberam fulgidos
Milhões de lumes na amplidão dos ceus...
—Oh! que saudade me arrobata o espirito,
Em doce anheio,—para Ti, meu Deus!...

Torres Novas—Abril de 1891.

José R. dos Santos Gomes.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

O Collegio de Nossa Senhora de Monserrate em Vianna do Castello

Nos tempos que infelizmente imos atravessando, não é problema facil de resolver a escolha d'uma casa de confiança, para a educação da juventude: o meio, em que geralmente nos encontramos, é viciado e exige a maxima circumspecção, quando as creanças attingem a idade propria de irem á escola.

E' portanto, mui particularmente, aos paes ou áquelles que estão cons-

tituidos chefes de familia, que nos dirigimos, a fim de cumprirmos zelosamente a missão que Deus lhes confiou.

São bastante numerosos os estabelecimentos que hoje se apresentam como casas de educação para a mocidade; mas é preciso muita prudencia, para decidir quaes as pessoas a quem vamos entregar esses entes queridos da nossa alma—os filhos.

Ainda temos collegios, graças ao Christianismo, com a direcção de sabios professores, que, pela sua boa ordem, excellente disciplina e activa vigilancia, são o modêlo em assumptos de educação. Sejam estes os preferidos e teremos sempre motivo de plena satisfação, garantindo a nossos filhos uma solida instrução, que muito pode influir no seu futuro e no da sociedade.

Na cidade de Vianna do Castello, encontra-se um d'estes collegios, destinado ao sexo feminino, que, fundado ha pouco, já hoje conta um numero mais que regular d'alumnas, tanto internas como externas. Está confiado á direcção d'umas virtuosas senhoras, pertencentes á *Congregação da Missão* denominadas *Irmãs de S. José de Cluny*.

Conhecemos perfeitamente este collegio, que está em condições de ser um dos de primeira ordem, podendo affiançar aos chefes de familia o excelente tratamento que alli é dado ás educandas: sabemos da vigilancia verdadeiramente maternal que lhes é dispensada, e por isso nenhuma duvida ou hesitação pôde haver em entregar-lhe suas filhas.

Como é encantador, para as creanças, receberem uma perfeita e completa instrução, propria de seu sexo, adaptada aos varios misteres da vida, alliada a uma sã educação religiosa! Alem d'isso proporcionam lhes recreios, com que tanto lhes captivam os juvenis corações, dando-lhes horas felizes e contentes, ao passo que as habilitam para o destino que a Providencia lhes reserva. Todas as familias, que actualmente lá tem suas filhas, são unanimes em bem-dizer tão sabia e digna direcção.

Com referencia a este collegio, lemos na *Actualidade* as seguintes consoladoras impressões:

«COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DE MONSERRATE

Com este modestissimo titulo acha-se funcionando na cidade de Vianna do Castello, ha cerca de dois annos, uma casa de educação d'infancia, que está naturalmente indicada a exercer uma importancia notavel no movimento pedagogico do norte do paiz. Estabelecida no palacio que pertenceu, nos principios d'este seculo, a Gonçalo de Barros de Azevedo, e que por casamento veio a passar á familia Figueiredo da

Guerra, não tem outra alguma, n'aquelle parte da provincia, que se lhe aproxime em localisação e belleza. A cerca que rodeia toda a casa é um primor de paizagem florescente. As obras, que ha mais de um anno não cessam, visam a transformar o velho palacete n'uma estancia educativa em que, ás commodidades dos internados, se alliem as prescripções de uma diligente vigilancia paternal. Como estipendio é dos collegios mais baratos que se conhecem. Basta dizer que o internado, com instrução primaria elementar e complementar, portuguez, francez, desenho linear e trabalhos de mãos, excepto o de flôres, é fixado alli em 95000 réis por mez. A educação está confiada a uma delegação das *Irmãs Ultramarinas*, francezas, com casas d'esta indole em quasi toda a França central e meridional. Informa-nos um amigo nosso, que alli esteve ultimamente, que o aspecto das creanças confiadas ás atencões d'aquellas senhoras, é o mais alto documento do bom trato e do paternal carinho que alli se prodigaliza.

E' uma casa de educação que merece ser visitada, e á qual as familias da melhor sociedade de Vianna estão confiando as suas filhas.» (1)

Duarte Ribeiro.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—No dia 23 foram publicadas as sentenças dos tres conselhos de guerra estabelecidos em Leixões. O 1.º conselho de guerra condemnou 49 réos, entre os quaes João Pinheiro Chagas, a quem foi imposta a pena de 4 annos de prisão celllular e na alternativa de 6 annos de degredo, e Miguel Verdial, sujeito á pena de 2 annos de prisão maior celllular ou 3 annos de degredo. Este conselho absolveu 59 réos, e en-

(1) Guimarães nobilita-se hoje, igualmente, de tam efficaz garantia para a educação das jovens. O sympathico asylo de Santa Estephania, fundação d'uma dama illustre, mas por tanto tempo á mercê d'umas oscillações ruinosas, foi confiado ha pouco á intelligente direcção das Irmãs de S. José de Cluny. A ordem interna tem passado por uma transformação radical, ha já um externato numeroso, composto das meninas das mais distinctas familias, e os progressos realisados em poucos mezes annunciam-nos um futuro de prosperidade para aquelle estabelecimento, tam mercedor da bomquerença de todos.

Guimarães é devéras grata aos impulsioneiros d'este melhoramento notavel.

N. da R.

tre elles o R.^{mo} Parocho de S. Nicolau, envolvido nas malhas da revolta por ter acompanhado os republicanos, a quem julgára mais innocentes do que são. Damos parabens cordealissimos ao digno abba. O 2.^o conselho de guerra condemnou 156 réos. Um d'elles foi o capitão Antonio do Amaral Leitão, incurso na pena de 6 annos de prisão maior cellular, seguidos de 10 de degredo, ou na alternativa de 20 de degredo; outro, o tenente Manuel Maria Coelho, cuja pena é de 5 annos de degredo. Foram 25 os réos absolvidos por este conselho. O 3.^o conselho condemnou apenas 14 réos e deu a liberdade a 78. Foram, em summa, 381 julgamentos nos quaes houve 219 condemnações. Varios condemnados appellaram da sentença, e todos aguardam para breve espaço um indulto que os restitua á liberdade. Emfim, se o sr. D. Miguel, rei legitimo de Portugal, foi um tyranno pela condemnação applicada aos que tentavam desthronal-o, é de crer não queiram os liberaes apresentar-se no tribunal da historia marcados com o ferrete que lhes tornou odioso o rei das cortes de 28. Virá pois o indulto, que na eschola liberal suppomos se guarda ainda preto á logica.

O emprestimo, sem embargo das condições onerosas que o tornam odioso, passou nas duas camaras, por grande maioria de votos. Havia de passar dizem todos. As circumstancias do thesouro eram taes que ninguem descobria outro expediente, embora fosse este uma lastima deploravel. Taes emprestimos costumam ser os percursores da bancarota. A divida fluctuante, que deu origem ao emprestimo era de 12:000 contos em 1885; de 15:000 em 1887; de 24:000 em 1889; de 34:000 em 1890 e actualmente de 39:000 contos!!!

Nas côrtes, encerradas no dia 20, foi geralmente reconhecida a deploravel situação do paiz, e não faltou quem apontasse a necessidade urgente d'uma vida nova. Parece que a impiedosa garra do remorso dilacera o pericardio dos que levaram criminosamente a patria a este abatimento vergonhoso. Surte pois a lembrança do arrependimento; receamos porém que esse arrependimento, como o de Judas, não dê origem a regenerações.

Noticias do Bihé affirmam-nos que mais uma vez o capitão Arthur de Paiva fez temido o nome portuguez para os sobas indisciplinados. Aos louros do Lubango reúne agora os do Bihé, cujo régulo foi preso e vem, segundo cremos, remetido para Lisboa.

O governo inglez determina publicamente á Companhia South Africa, que abandone o territorio de Manica, illegalmente occupado. Se attentarmos,

porém, nas disposições da companhia, claramente hostis a Portugal, havemos de acreditar que a occultas são outras as ordens que lhe transmite o governo. Pelas auctoridades portuguezas foi ha pouco aprisionado no rio Limpopo, o vapor inglez «Countess of Carnarvon», carregado de 1:000 espingardas e 20:000 cartuxos destinados á companhia.

O *Times*, furiando sempre contra Portugal, saiu-se com artigo violento em defeza do «Countess of Carnarvon» e os ultimos boatos incutem receio de que haja complicações diplomaticas e fiquemos sujeitos a gorda verba de indemnisações. O mesmo Salisbury contestou, na camara dos lords, o direito de se tomar o navio, que navegava livremente no Limpopo, embora fosse carregado de armas e munições.

A folha da *City* atira-nos ainda ás faces com estas duras palavras: «Temos o maior interesse em dar engrandecimento ao paiz africano. Por largos seculos foi Portugal senhor da costa, sem nada se importar com o interior, a não ser como centro de abastecimento de escravos.» A ambição britanica, cobonestada pelo plano gigantesco de Cecil Rhodes, é a punição de Portugal, illaqueado n'esta politica mesquinha e ignobil dos partidos, que tem sido o torpor das nações grandes e a morte infame das nações pequenas. Quando nos ha de voltar o juizo? E' provavel que nunca.

Manica e Sofala estão, ao que parece, em estado de sitio, com menospreço do *modus vivendi*.

As tropas da expedição de Moçambique, embarcadas no «Malange», conservam-se em boa disciplina e não denotam alteração de saude com a mudança de clima. Algumas partiram para a Beira, no vapor «Ibo», dispondo-se o contingente do «Loanda» a brevemente fazer junção com ellas.

França.—O sr. bispo de Tuy, Monseñor Fulbert, escrevia ha pouco na *Semaine Religieuse*, referindo-se á carta que o digno Cardeal Arcebispo de Pariz dirigira aos fieis, as seguintes memoraveis palavras: «A carta de s. em.» inspira-se do pensamento de Leão XIII, que insiste mais que nunca no dever que nos cumpre de collocarmos sempre a Igreja independente e superior a todos os partidos, a todas as divergencias politicas, a fim de affirmar no meio dos povos a sua divina missão.» Quasi todos os bispos da nação franceza se tem expressado no mesmo sentido, adherindo incondicionalmente ás palavras do sr. Arcebispo de Pariz, cuja summula expozemos nas pag. 70 a 71 do *Progresso Catholico*. De toda a parte affluem adhesões tão decididas, que a notavel carta de Mon-

senhor Guibert assume o caracter de carta collectiva e é lida por norma do proceder de todo o clero e portanto de todos os catholicos da nação christianissima.

Este proceder uniforme produzirá n'um futuro proximo memoraveis acontecimentos. Será a effusão do sangue de martyres? E' possivel. A França não é mesquiuha em taes preitos de lealdade para com Deus e, 1869, Dupont, o sancto homem de Tours, cujas palavras são tidas como d'um vidente, dirigindo-se a um prelado francez, expressava-se com magua pungentissima relativamente á Igreja em França, afirmando que volvidos dez annos teria principio uma violenta perseguição. A prophacia cumpriu-se: ninguem sabe porém como e quando virá a conclusão d'ella.

O congresso scientifico internacional dos catholicos, que em seguida á Paschoa se vai realizar em Paris, sob presidencia do Cardeal Arcebispo Monseñor Richard, annuncia-nos prosperos resultados. S. Santidade, por carta de 16 do corrente, manifestou seu vivo contentamento ao ver notabilissimos talentos renderem, por suas luzes e seu saber, brilhante homenagem áquella divina sabedoria de que a Igreja é o foco esplendoroso. O congresso tem merecido adhesão de grande numero de prelados de todas as nações, entre os quaes nos honramos de contar os Em.^{mos} Cardeaes Patriarchas de Lisboa e Bispo do Porto e Ex.^{mo} Arcebispo de Évora.

O dia 18 de março, anniversario do assassinato dos generaes Thomas e Lecomte, não foi sem escandalo para o povo pariziense. Os revolucionarios promoveram manifestações n'esse dia, considerado por elles como a aurora redemptora da communa. Houve corôas sobre os tumulos dos federados no Père-Lachaise, banquetes, bailes, *punchs*, emfim quanto lembrou áquellas cabeças prezadas dos governos, embora vazias de razão. As cidadãos Duc-Quercy, Gustave, Lebret e Gallifer, sobresairam notavelmente pela preponderancia nas festas sediciosas d'aquelle dia.

«Tudo isso, nos diz o *Monde*, não incute receios por em quanto: não ha idéa d'uma sublevação para breve. Aguardam se porém os acontecimentos. Procura-se estar-se prompto se ha occasião a talho, e invida-se esforço para que a geração nova não deixe esquecer o passado.

O 1.^o de maio espera-se este anno mais ruidoso que o do anno ultimo. Para isso, em virtude da lembrança de M. Vaillant, a municipalidade concederá sueto generoso a todos os operarios occupados em suas obras, sendo-lhes no emtanto paga a fêria d'aquelle dia de

folga. A praça da Concordia vai ser theatro d'essas manifestações desordeiras, cujas consequencias penderão em grande parte da connivencia dos conspiciuos edis.

Italia.—S. Sanctidade, em carta dirigida ao episcopado austriaco, lamenta profundamente a ruina causada á Igreja pelos manejos de seus inimigos, cujo fim é destruir, nas familias, nas escholae, nas leis e nas instituições, todo o vestigio de religião; despojar a Igreja de seus meios e da virtude que possui de promover o bem geral; infiltrar em todas as veias da communitade domestica e civil o veneno lethifero do erro.

A perversidade das opiniões levanta contra os governos difficuldades invençiveis, e estremecem os fundamentos da sociedade, por não se procurar firmal-os na religião, que por mandamentos justos e prohibições salutaras, leva cada um ao desempenho fiel de seu dever.

S. Sanctidade indica sollicitamente o remedio a estes males na congregação dos prelados, e louva, n'este ponto, o estremado zelo do episcopado austriaco, que por suas reuniões e sua Pastoral collectiva aos fleis, tem sido incançavel em oppor um dique á inundação que leva a ruina por toda a parte.

«Se, com effeito, homens perversos, e poderosos por audacia e numero, observa o Sancto Padre, se reúnem e conspiram para destruir no povo os mais preciosos dons, a fé e os bens que d'ella promanam, nada mais justo e necessario que os catholicos, sob a direcção dos bispos, associem seus esforços no intuito de lhes resistir, e por meio de congressos tractem de sustentar com mais liberdade e energia a profissão de sua religião e repulsem valentemente as aggressões de seus contrarios.»

S. Sanctidade nota quanto os congressos fortalecem a fé e estreitam as familias aos prelados. Ahi, se estuda o mal particular de cada igreja e mais facilmente se pôde cuidar de o destruir; a formação e educação do clero soffre discussão mais séria; os estudos obteem orientação mais adequada; são melhor conhecidos os perigos dos fleis e os meios seguros que se lhes hão-de oppor; regulamentam-se as confrarias piedosas e as associações leigas approvadas pela Igreja; os livros e os jornaes são objecto de particular cuidado, por serem hoje de grande influxo na defeza da fé e salvaguarda dos costumes.

Quanto á imprensa diz claramente o sabio Pontifice:

«N'esta materia, importa muito recommendar aos bispos o que é Nosso constante empenho e em que Nos não cançamos de insistir, e é, quanto de-

véras importa ser animado e desinvolvido o trabalho dos escriptores catholicos.

«Affirmamol-o: urge, em todos os paizes, reconhecer n'esses escriptos excellentes, quotidianos ou periodicos, uma grande utilidade para os interesses religiosos e civis, quer os sustentem directamente e os façam prosperar, quer tendam a repellir os ataques dos adversarios, quando veem prejudical-os com o seu pernicioso contagio.»

Recommenda, emfim, que cada provincia tenha jornaes seus, cuja doutrina hade constantemente regular-se pelo parecer do respectivo prelado.

A questão operaria, a gravissima questão da actualidade, não podia passar despercebida ao zelo do Sancto Padre: elogia quanto os bispos tem feito em favor d'ella, e afirma-lhes, que os esforços tendentes a tornarem respeitadas os preceitos da justiça e caridade contidos no Evangelho, os farão realmente benemeritos da religião e da monarchia.

Por toda a parte se mostram inquietos os anarchistas. Repetem-se os comicios nas cidades mais populosas, em Napoles, Bolonha, Mantua, Milão e Pisa. A falta de trabalho reduz a classe operaria á maior penuria e faz-lhe ante-ter na liquidación social o termo de suas provações. Nas ruas de Napoles gritou-se abertamente: «Viva a revolução social!» e em Livourne, no anniversario de Mazzini, não pôde evitar-se lucta sangrenta entre a policia e os populares insurreccionados. Em Roma foi concorridissimo o *meeting* de Montecitorio, tomando-se n'elle a resolução de enviar ás camaras uma commissão para advogar os interesses do povo.

Facto de grande sensação n'estes ultimos dias foi a morte do principe Napoleão (José Carlos Paulo Napoleão, filho do 8.º irmão de Napoleão I, Jernymy Bonaparte. Nascera em 9 de setembro de 1822). Era cunhado do rei Humberto e da rainha viuva, de Portugal, por seu casamento, em 1859, com a princeza Clotilde. Foram dolorosissimos os ultimos dias de sua vida, prolongados por inhalações de oxigenio e injeções de morphina e ether. Livre pensador em toda a sua vida, recusou por muito tempo os confortos da religião catholica, deixando-se por fim vencer nos ultimos momentos pelos rogos da dedicada esposa. O Cardeal Mermillod e Monsenhor Payol ministraram-lhe os sacramentos.

Allemanha.—Baqueou o chefe heroico do centro allemão. Falleceu na noite de 13 para 14 de março. A sua perda agitou n'umas convulsões electricas o coração do grande povo germanico. Windthorst era adorado de amigos, prezado de inimigos, admirado de to-

dos. N'este seculo de podridões, vultos gigantes como Pedro V, Henrique de Bourbon, Gabriel Moreno, Luiz Windthorst, quando desapparecem do numero dos vivos, deixam um vacuo que não mais se preenche, dessoram em pranto os corações asseioados, mergulham no lucto a todos os espiritos. A consternação foi geral. A veneração que se lhes sagra, não a perturba a sombra d'um odio nem a ennodõa a lembrança d'uma injustiça. Homem, se por ventura a consciencia delicada lhe aponta alguma mancha, essa mesma desapparece por completo entre os fulgores de suas luminosas virtudes.

Já nas paginas 33 e 34 da nossa Revista, nos referimos aos feitos nobres d'este homem verdadeiramente providencial, que mediante o concurso valioso do episcopado, do clero e do povo catholico, arcou denodadamente com os maiores inimigos de Deus, com Lutz, Falk, Bismarck e tantos outros, compellindo-os a morderem o pó, e levando um governo protestante e racionalista a acatar os direitos sagrados da Igreja, como se não acatam em paizes que se chamam catholicos.

O nome de Windthorst, escripto por certo no livro da vida, brillará perennemente nas aureas paginas da historia da Igreja. Ao defrontarmos os dois grandes vultos da Allemanha contemporanea, occorre-nos aquella sentença dos Proverbios: *Lux justorum laetificat: lucerna autem impiorum extinguetur.* (1)

Nas exequias realisadas no dia 17, na igreja catholica de Sancta Hedwiges, em Berlim, viam-se presentes o chanceller di Caprivi, o secretario d'Estado Boetticher, o presidente do reichstag, Leveltzw e o general Wedel, que representava o imperador, além de quasi todos os membros do reichstag e landtag, deputações de grande numero de sociedades, algumas vindas da provincia rhenana e da Westphalia.

A morte de Windthorst foi grandemente sentida por S. Sanctidade. O nobre chefe do centro catholico allemão deixa um vacuo enorme nas fileiras da Igreja. Era um paladino valente, um exemplar seguro aos defensores do bem e da verdade. O Sancto Padre, que ha pouco o nomeára commendador de S. Gregorio Magno, escreveu uma carta de condolencia aos actuaes chefes do centro, os srs. Ballestrem, Heermann e Preysing, na qual se referia com estremo encomio á perseverança, desinteresse e zelo acrisolado de Windthorst na sancta cruzada que soube dirigir em prol da religião e da patria.

(1) Prov. XIII, 9.

O conde de Walderssee tem-se esforçado vivamente por congraçar o imperador com o principe de Bismarck.

As tentativas n'este sentido deram já como resultado um jantar em que tomaram parte os dois adversarios. O celebre ex-chancellor, convicto de não poder domar o joven imperador, opta por submeter-se-lhe. Candidato pela decima-nona circumscripção do llanover, tendo pela frente o partido socialista, aneia annullar os motivos da guerra com o soberano se por ventura a urna lhe vedar o ingresso no reichstag.

Na camara dos deputados prussiana, começou em 11 de março a discussão relativa á restituição das rendas ecclesiasticas, supprimidas durante as luctas do Kulturkampf. Foi approvedo o artigo 1.º do projecto do governo, concedendo a restituição das sommas capitalisadas, ou dezeseis milhões de marcos.

Noticias

S. Francisco Xavier.—Da India, vimos uma carta da digna Superiora da Casa da Caridade, que se exprime assim: «O tumulo do glorioso Apostolo dista d'aqui uma légua. Apesar d'isso tive a felicidade de alli ir, durante a sua festa, com toda a minha communitade, que a par das educandas e creadas prefaz o bonito contingente de 61 pessoas. Demoram-nos quatro dias, graças á muita benignidade do nosso bom Sr. Patriarcha, que nos mandou preparar aposentos convenientes. Voltamos ainda á encerração, e d'essa vez tive a grande felicidade de assistir a dois milagres: um paralytico, transportado em braços, beija o pé do Sancto, e, de repente, desprende-se d'entre as mãos que o amparavam, ajoelha, ora, beija de novo o sagrado pé, e diz: «Estou bom!» Um rapazinho, que era mudo, tocou com os labios o pé do Sancto, e começou a falar. Entre estes dois milagres mediaria talvez o espaço d'um quarto de hora. Dias antes, duas de nossas Irmãs foram testemunhas de facto identico: uma pobre mulher, cega, aproxima-se, beija, vê o pé do Sancto, dá um grito, cai em terra sem sentidos, volta a si, e em transportes d'alegria exclama: «Illa quatorze annos que era cega, mas agora vejo perfeitamente!» Eis o que tivemos a ventura de presenciar. Foi porém grande o numero de milagres que se deram em cegos, surdos, mudos, coixos, paralyticos, sendo ao todo quarenta e um, segundo me affirmam, os quaes virão em breve a ser publicados em volume. Os mesmos gentios e protestantes foram contemplados nas maravilhas do Sancto, e

em prova de gratidão dispoem-se, benedicto seja Deus! a entrar no gremio da Igreja.

«A alluencia de povo era a tal ponto excessiva, que mal se pôde explicar. Vinham de longes terras, com dias e dias de viagem; a fóra varios barcos, todos os dias chegavam de Bombaim duas embarcações a trasbordar de gente. Esta aglomeração de fleis, que parecia cada vez maior, enaltecida com a presença de nove prelados, durou todo o mez da exposição. A tropa andava extenuada pela rudeza da fadiga que teve de sustentar.»

A peregrinação promovida pelo senhor D. Antonio, Arcebispo *ad honorem* de Cranganôr e Bispo de Damão, ao tumulo do Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, foi muito numerosa.

Saiu da igreja de Nossa Senhora da Gloria de Mazagão.

Houve benção do Santissimo Sacramento dada á partida, pelo senhor Delegado Apostolico.

Todo o pessoal do seminario, representantes da Camara de Damão, grande numero de clero, e milhares de fleis da diocese, cercaram o seu Bispo, junto ao corpo do Immortal Apostolo.

Algumas freguezias seguiram na romaria, transportando vistosos estandartes.

A exposição durou 29 dias.

A concorrência foi extraordinaria.

De todo o Oriente, e talvez mesmo de todo o mundo, chegaram romeiros.

Por convite do illustre prelado de Gôa, o senhor Bispo de Damão prégou no primeiro de janeiro, dia do encerramento do corpo de S. Francisco Xavier.

O seu discurso, ouvido com muito agrado, foi já impresso e dedicado por s. ex.^a aos fleis de Gôa, dos quaes recebeu justos e notaveis signaes de estima e respeito.

S. ex.^a tem sido, como raros, um prelado zeloso da fé, e um energico defensor dos direitos do padroado, nas longiquas plagas do Oriente.

Funchal.—Um amigo do *Progresso Catholico* envia-nos da Madeira as seguintes noticias:

—Realisou-se no dia 3 de março uma esplendida festa no paço episcopal para commemorar o anniversario da coroação do actual Pontifice.

Em primeiro lugar occupou a tribuna o bem conhecido escriptor catholico, o ex.^{mo} Dr. João Baptista de Freitas Leal, que proferiu um bem elaborado discurso, apresentando o Santo Padre como verdadeira luz do mundo, como pacificador dos povos e como pastor supremo das almas.

Por fim agradeceu á auctoridade ec-

clesiastica, ao chefe do districto e outras pessoas, por terem de bom grado annuido ao convite que lhes havia sido feito, de abrilhantar com sua presença esta solemnidade.

Seguiu-se um discurso magnifico, pronunciado pelo ex.^{mo} Conego Fazenda. Versou sobre o principio auctoritario, mostrando o illustre orador, como esse principio tinha a sua verdadeira fonte no Summo Pontifice. O ex.^{mo} Conego foi sempre eloquente e por isso conquistou applausos entusiasticos.

A pedido do digno Vice-Presidente da Associação Catholica, o nobre Prelado encerrou aquella sympathica festa e fallou do glorioso Leão XIII como só pode fallar quem o conhece pessoalmente, e quem lhe consagra o mais terno affecto.

Houve grande concorrência. A sala onde teve logar a festa, estava vistosamente ornada de muitas flores, apezar de estarmos agora na epocha mais invernososa do anno.

—Não se fez este anno, n'esta cidade, a procissão da Cinza, mas não o lamentamos, já porque os fatos das imagens não estão capazes, já porque ella infelizmente não era feita com aquella devoção que era para desejar. Em compensação, com muito empenho fez-se a do Senhor dos Passos, que todos os annos attrahe ao Funchal grande numero de pessoas das freguezias circumvisinhas. Houve 3 sermões muito douctriinaes, e proprios para chamar os fleis á penitencia. Praza a Deus que estes actos religiosos sejam sempre feitos do modo que a Santa Igreja deseja, e não se tornem um simples passatempo.

—O Ex.^{mo} Prelado acaba de publicar uma magnifica pastoral sobre a devoção ao SS.^{mo} Sacramento e ao Sagrado Coração de Jesus. Não é um trabalho litterario qualquer, no qual se admiram clareza das idêas, solidez da argumentação e belleza da forma; mas é uma verdadeira obra de Apostolo, de Pastor e Pae, que falla a filhos carissimos.

—N'um dos ultimos dias do mez findo assistimos a uma festa escholar, realisada em honra do anniversario da eleição de Leão XIII e da chegada ao Funchal do illustre Prelado Diocesano. Uma grande sala, onde ella teve logar, ficou litteralmente repleta, não faltando senhoras da nossa mais selecta sociedade.

Os hymnos de S. Ex.^a Rev.^{ma} e de Leão XIII foram cantados por vozes infantis com muito bom desempenho.

As meninas d'aquella eschola representaram em seguida alguns dramasi-nhos, sobresahindo a *Scena d'Africa* e a *Scena Campestre*, as quaes foram d'véras applaudidas.

A poesia recitada por uma menina,

pertencente a uma das primeiras familias d'esta terra, agradou muito.

Oxalá que por muitos annos se repita aquella festa que ha de certamente levar á alma do nobre Pastor verdadeira consolação.

—Durante alguns dias tem havido inverno até n'esta terra de primavera perpetua; pois os pincares das nossas montanhas se cobriram de grandes camadas de neve.

—O Ex.^{mo} Prelado é incansavel em trabalhar pela salvação das almas, porquanto não só annuncia a palavra de Deus em todas as occasiões extraordinarias que se lhe offerecem, mas até prega regularmente todos os domingos, no tempo do Advento ou da Quaresma. Ha domingos em que não hesita de subir até tres vezes á tribuna sagrada, fazendo ouvir a sua palavra cheia de unção e energia. Tambem na presente quaresma S. Ex.^a Rev.^{ma} tem pregado, na Sé Cathedral, todos os domingos, sendo sempre escutado com a maior attenção e visivel proveito das almas.

Semana Sancta.—Notou-se este anno mais compostura, mais ordem, mais tino, menos garotismo, na concorrência ás cerimoniaes augustas da Paixão. O facto foi este. D'onde a causa? Das desgraças que todos vêem imminentes? De certo, que já Wolney, o impio Wolney, affirmava que era facil ser-se impio n'um gabinete, mas não entre as garras d'uma tempestade.

Ora graças a Deus! Se o perigo (como deveras cremos) torna o homem mais christão, venha o perigo, que pouco importa padeça o homem, com tanto a Deus se tribute a homenagem que lhe é devida. Nos dias de paz podre era trivial vermos verdadeira orgia as solemnidades mais venerandas da Igreja. Vá pois e não volte, a ruinosa e enervadora paz podre.

Justiça de Deus.—A *Semana*, de Perpignan (Pyrenêos Orientaes), conta que varios operarios, movidos pelo espirito da taberna e da descrença, passaram uma tarde, em torno d'um cão, morto pelo trem do caminho de ferro, em cerimoniaes ridiculas, simulando as exequias celebradas pela Igreja. De mistura com semelhantes truancices, dignas de severa punição, soltavam torpes blasphemias contra os Sanctos Padroeiros do logar, S. Roque e S. João Ba-

otista, e mesmo (oh horror!) contra Nossa Senhora de Lourdes!

Algumas horas depois voltavam para casa aquellos ébrios, quando, para abreviar caminho, se lembraram de atravessar a via ferrea. Na frente caminhavam dois que mais tinham sobressaído em sandices impias; n'este momento, como um relampago, passa o comboio expresso, e deixa um com os membros despedaçados, outro com a cabeça decepada! Todos viram no successo um castigo de Deus e os companheiros d'aquelles dois infelizes de cidiram-se a viver de futuro seguindo norma diferente da adoptada até então.

Assassinato em Sofia.—Na capital da Bulgaria foram, no dia 27, disparados alguns tiros de revolver contra o presidente do conselho, Stambuloff, e o secretario geral do ministerio da fazenda, Beltcheff. Este ultimo caiu morto. O assassino conseguiu evadir-se, mas acham-se já presas umas vinte pessoas, sendo assás energicas as medidas que se tomaram, tendentes á captura do criminoso.

Frei Agostinho de Montefeltro.—O valente franciscano obteve na passada quaresma novo triumpho em favor da causa de Deus. Cremona foi a cidade privilegiada, que este anno viu sob as abobadas de sua cathedral reunidos, anceosos de verdade, a bons e mãos, incredulos e indifferentes, povo rude e summidades illustradas. A todos os espiritos tinha que ensinar aquelle milagre de sciencia e de fé. Era estreito o espaço para conter a onda enorme de assistentes que em fluxo e refluxo invadia os ambitos do templo. Peccadores publicos, impios famosos, corações petreficados no crime, entraram em via de perfeita regeneração, em virtude das palavras de vida, escutadas d'aquella bocca tam bem inspirada do divino Espirito.

Intolerancia judaica em pleno seculo XIX.—Conta o *Pelerin*, informado por um de seus correspondentes, que em novembro ultimo foram raptadas, em Jediniec (Bessarabia,) a esposa d'um funcionario russo com sua filha de onze mezes.

Esta mulher havia dois annos fôra admittida no gremio da Igreja catholica, recebendo o sancto Baptismo, em-bora a má vontade de seus parentes,

que eram judeus. Em consequencia do rapto, pôz-se de atalaia a policia a requerimento do infeliz marido e pae, sendo infructiferos por muito tempo os seus trabalhos, quando uma noite, providencialmente, encontraram dois judeus que conduziã manietada uma mulher. Os judeus fugiram, e esta, perguntada, disse chamar-se Alexandra Krryzanowska. Era quem procuravam.

No dia seguinte, no tribunal competente, era por ella feita a declaração de «que, na ausencia do marido, a viera a mãe procurar, acompanhada de dois judeus, Josel Rocranski e Mejer Hirsch, ameaçando a de morte e mais á innocente filhinha, se persistisse em a não querer acompanhar. Perante formal recusa e apesar de seu enorme susto, foi agarrada, amordaçada e mettida assim na carruagem que estacionava á porta. Passaram a fronteira austriaca, parando em Sadogora, ficando a pobre mulher entregue a um judeu desconhecido. Não mais soube da creança e teve que soffrer, a despeito dos maiores protestos, as cerimoniaes prescriptas no Talmud para os que voltam ao judaísmo. Presa sempre debaixo de chave, em Sadogora ou Czernowiec, ou levada de noite em viagens, cercada de judeus, de olhos vendados, sem poder falar a ninguem, sem novas da filha, tal o tormento a que esteve exposta a desgraçada. Na noite em que a encontrou a policia, suppunha ser conduzida, para morrer afogada, ao poço onde em 1871 foi achado com a cabeça cortada o corpo d'uma néophita raptada de igual modo.»

Eis a civilisação do seculo XIX, as luzes que tanto enchem a bocca e escaceiam nos olhos!

O delicto é verdadeiro, é hediondo, deu-se no seculo actual, ha apenas poucos mezes, com individuos d'uma raça precita, mas que é rica, immensamente rica, muito poderosa, com emisarios em todo o mundo; por isso a imprensa que não é catholica, isto é, a imprensa athéa, a imprensa protestante, a imprensa liberal, a imprensa radical, não vê o facto. Archivem-no ao menos os jornaes catholicos e timbrem de pugnar pela verdade.

Março—30.

F.

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO—NEGRELLOS.

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 52—GUIMARÃES.